

OS “NOMES DAS DISCIPLINAS” DO BACHARELADO EM LETRAS LIBRAS DA UFSC: UMA REFLEXÃO À LUZ DA TEORIA SEMIÓTICA DE PEIRCE

Walquíria Peres de Amorim – UFSC

Janine Soares de Oliveira – UFSC

RESUMO

O ato e o processo de nomeação das coisas possuem relação com a significação que damos a elas a partir das experiências que vivemos do contato com o mundo. A significação e experiências são individuais. A reflexão acerca do signo que a semiótica de Peirce (1931-58/2010) traz, contribui para compreendermos as escolhas de um léxico no modo como nos expressamos e denominamos as coisas. Tal ponto gera discussões para diferentes temas de pesquisa e amplia nosso olhar para nós mesmos a partir da forma que experimentamos e vivenciamos os signos. O presente trabalho se interessa em refletir sobre essa relação de significação a partir do levantamento dos sinais para os “nomes das disciplinas” curriculares do bacharelado em Letras Libras da UFSC, na modalidade presencial, produzidos pelos alunos ingressos e prováveis formandos de 2016.1. Os objetivos são apresentar uma reflexão acerca do signo tricotômico da teoria semiótica de Peirce, fazendo uma relação entre o objeto, o signo e o interpretante com a disciplina enquanto matéria curricular, o nome da disciplina em Língua Portuguesa e o sinal produzido em Libras da disciplina, respectivamente. O trabalho é um estudo de caso, tendo por definição a unidade-caso o curso de Bacharelado em Letras Libras da UFSC, na modalidade presencial de oferta do curso. A abordagem é quali-quantitativa, de natureza aplicada. A coleta dos dados foi realizada por meio de gravações com os informantes da pesquisa. Para apresentação dos resultados optou-se pela regravação dos dados coletados, sendo, portanto, exibida a imagem da pesquisadora reproduzindo os sinais levantados. Essas imagens estão organizadas em quadros que também apresentam o link para acesso ao vídeo e a transcrição em SignWriting. A partir da análise dos dados, identificou-se duas categorias de produção dos sinais, a saber: sinais improvisados e sinais convencionados, uma vez que cada informante da pesquisa é um indivíduo único que, no entanto, possui, possivelmente, algum tipo de relação ou aproximação de experiências, o que possibilitou agrupar em categorias os sinais produzidos. Entendendo que a atual proposta curricular do Letras Libras recebe alunos que não têm conhecimento da Língua de Sinais, para esta pesquisa não foram levadas em consideração questões como a fluência e proficiência da Libras. Nesse sentido, entende-se a importância que a experiência de mundo exerce sob as significações que neste trabalho podem ser observadas por meio dos “nomes” em Libras para as disciplinas curriculares do Bacharelado em Letras Libras à luz da relação triádica do signo em semiótica. A presente pesquisa é um recorte de Trabalho de Conclusão de Curso da autora.

Palavras-chave: Semiótica, Signo, Letras Libras.

O ATO DE NOMEAR AS COISAS DO MUNDO

O ato de nomear está diretamente ligado à produção linguística de cada sujeito, ao mesmo tempo que é coletivo, pode ser individual. “Sendo assim, é cabível dizer que ao analisar os nomes que um povo atribui aos elementos do mundo extralinguístico, recuperam-se valores culturais capazes de resgatar a memória e a identidade de uma sociedade. (ALMEIDA, 2013. p. 170). As singularidades da essência das nomeações se tornam evidentes no momento em que pessoas, culturas, modalidades de comunicação diferentes se encontram em um determinado contexto. A primeira marca mais evidente neste encontro está presente, também, no modo de se expressar em cada língua.

A discussão levantada sobre o ato de nomear as coisas é interdisciplinar, pois se refere ao ato de traduzir também, podendo ser intralingual (mesma língua), interlingual (línguas diferentes) ou intersemiótica (modalidades diferentes). (JAKOBSON, 2010). Não mencionar a tradução é quase inevitável ao se discutir a linguagem e o encontro de línguas distintas. Para Vasconcelos (2010), “o campo disciplinar ET [Estudos da Tradução] pode acolher investigações em interfaces que exploram o contato entre línguas de modalidades diferentes (línguas orais e línguas de sinais), tanto em termos linguísticos, quanto em termos culturais e políticos.” (VASCONCELOS, 2010. p. 121).

O modo que denominamos as coisas não está relacionado somente às coisas triviais do nosso dia-a-dia. Pensar no ato de nomear é inerente ao conhecimento científico também. Guiado por essa ideia, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre os “nomes em Libras”, ou seja, os sinais utilizados para as disciplinas curriculares do curso de Bacharelado em Letras Libras, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, na modalidade presencial. Portanto, este trabalho é motivado pela seguinte pergunta de pesquisa: Quais são as propostas de sinalização para os nomes das disciplinas do Bacharelado em Letras Libras, da UFSC, produzidas entre os alunos ingressos e formandos do bacharelado de 2016.1?

Por hipótese não se espera que os alunos ingressos produzam os mesmos sinais com relação ao seu grupo ou com o grupo dos alunos prováveis formandos, no entanto se espera que este segundo grupo apresenta menor diversidade dos sinais produzidos, podendo chegar a uma possível padronização, devido ao tempo de convívio entre si e no contexto acadêmico do Letras Libras UFSC. Supõe-se que neste contexto, haja inferências para os “nomes das disciplinas” do curso de Letras Libras da UFSC por meio desse contato. Possivelmente,

algumas propostas que surgirão não contemplarão o que está descrito nas ementas, não apresentarão o que há de essencial na disciplina. Os alunos que ingressam e os prováveis formandos do curso terão a responsabilidade de compartilhar o conteúdo estudado durante toda a sua formação, tanto no convívio formal (discussões em sala de aula, apresentações de trabalho, atividades de monitoria e etc.), quanto informal (conversas de corredor, sugestões de leituras, estudos e reuniões sobre trabalho e provas).

O BACHARELADO EM LETRAS LIBRAS DA UFSC E A SUA GRADE CURRICULAR

A comunidade surda não é constituída apenas por surdos. Os ouvintes que são intérpretes do par linguístico Libras/Português sempre estiveram presentes em contextos da comunidade, tendo como maior demanda o meio educacional (NICOLOSO, 2010). Os que já atuavam como intérpretes buscaram formação e profissionalização, pois a habilitação em licenciatura não atendia às demandas específicas da área de tradução e interpretação de Libras. Conforme relataram Quadros e Stumpf (2014):

Em 2007, a UFSC, sofreu ação por parte de alguns candidatos ouvintes reivindicando a formação também para os profissionais tradutores e intérpretes, uma vez que a Licenciatura dava prioridade aos candidatos surdos, observando o previsto no Decreto nº 5.626/2005 que estabelece que a formação de professores de Libras deve ser dada aos surdos. (QUADROS; STUMPF, 2014. p. 11)

Portanto, o surgimento do bacharelado em Letras Libras, infelizmente, apenas se concretizou após essa ação judicial. É praticamente impossível pensar no curso de Letras Libras sem a habilitação em bacharelado, que é tão importante para a formação de tradutores e intérpretes de Língua de Sinais, mesmo para os já atuam profissionalmente ou para aqueles que entram sem experiência de atuação, mas tem vontade de se profissionalizar. Logo, a graduação em bacharelado em Letras Libras da UFSC engloba o campo disciplinar dos Estudos da Tradução e Interpretação. Esse passo inicial, deu a oportunidade para que outras IES oferecessem o bacharelado em Libras.

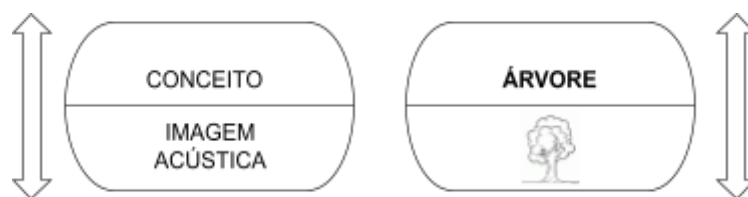
Como todo curso de formação é preciso que haja a sistematização do ensino, para isso são elencadas disciplinas que compõem a grade curricular. Na graduação em Letras Libras existem ao todo 69 disciplinas, distribuídas entre 36 para a habilitação em bacharelado e 33

para a licenciatura. A mudança curricular que houve em 2011 reconfigurou o modo como eram dispostas as disciplinas, principalmente, para o bacharelado. Por exemplo, pensando na prática de escrita em Língua Portuguesa, indispensável para os profissionais que possuem as línguas como instrumento de trabalho, foram incluídas na grade curricular três disciplinas de Português (Português I, II e III). Outro exemplo, são as disciplinas de Laboratório em Interpretação (Laboratório em Interpretação I, II e III) que foram pensadas de acordo com os três principais contextos comunitários de atuação (educacional, médico e jurídico).

DO SIGNO LINGUÍSTICO: REVISÃO DE LITERATURA

O ramo da Semiologia nada mais é que o estudo da vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de Semiologia. Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem” (SAUSSURE, 2006. p. 24). Em estudos da área da Linguística, a perspectiva mais profícua é a do signo linguístico dicotômico de Saussure, que segundo ele, “o signo linguístico não é uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, 2006. p 80). Essa visão de signo linguístico e seus elementos, pode ser exemplificada a partir da palavra “árvore”, no sentido que esta palavra é o conceito e ideia que temos dela mentalmente é a imagem acústica, dessa forma o que nos leva ao seu significado e significante. A figura abaixo representa o esquema do signo linguístico para Saussure:

Figura 1 – esquema de representação do signo linguístico em Saussure



Fonte: SAUSSURE, 2006, p. 81.

Essa proposição de signo linguístico de Ferdinand Saussure é a mais difundida. No entanto, existem outras teorias que abordam este mesmo tema. A exemplo disso, temos a teoria Semiótica de Peirce (1931- 58/2010). Segundo Santaella (2012), o campo de estudo da Semiótica nasceu por volta dos anos 60. Apesar de Peirce ser contemporâneo de Saussure, os estudos de Peirce estudos, pesquisas e reflexões, ou seja, toda a contribuição de Peirce só foi

reconhecida há pouco tempo, pois ele não teria tido estabilidade no ensino superior. Segundo alguns de seus biógrafos, Peirce não tinha a intenção de atrair leitores. A paixão pela Lógica perpassou todos os seus estudos, este evento terminou por influenciar na Semiótica.

Ao se tratar do que há de filosofia na teoria semiótica, pode-se destacar a grande contribuição da Fenomenologia. Portanto, segundo Santaella (2012) a semiótica de Peirce “é a ciência que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido” (SANTAELLA, 2012. p. 19). A semiótica aparece como a ciência dos signos e a fenomenologia como a observação dos acontecimentos sem julgamento. As nomeações, os significados são estabelecidos de acordo com os fenômenos das vivências em seu ser. Sobre isso, Santaella diz que

a tarefa não é fácil. As coisas quando nos aparecem, surgem numa miríade de formas, enoveladas numa multiplicação de sensações, além de que tendem a se enredar nas malhas das interpretações que inevitavelmente fazemos das coisas. (SANTAELLA, 2012. p. 49).

Nesse ato de observação dos fenômenos, a autora se vale das nossas experiências para apresentar o raciocínio de que o pensamento é algo em constante movimento, a todo momento estamos suscetíveis a abstrações de novas verdades e quebras de mitos. Tudo aquilo que nos perpassa pode ser um signo, portanto se torna algo importante para as relações da cultura humana. Peirce diz que

[...] sempre pensamos, temos presente na consciência algum sentimento, imagem, concepção ou outra representação que serve como signo. Mas segue-se de nossa existência [...] que tudo o que está presente a nós é uma manifestação tanto fenomenal de nós mesmos” (PEIRCE, 2010. p. 269).

Portanto, para Peirce (2010), o signo é o que há de individual nas manifestações entre o objeto, signo e interpretante.

Um signo ou representâmen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez, um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. (PEIRCE, 2010. p. 46)

Ao se dizer que tudo é signo, abre-se a possibilidade de se discutir o signo linguístico à luz da teoria Semiótica. Com mais ênfase, encontra-se na linguística estruturalista duas principais vertentes para o signo linguístico: dicotômica (Saussure) e tricotômica (Peirce).

Para ambos pesquisadores, o signo é o que significa algo para alguém, que pode ser vista, analisada, observada por diversos ângulos e pontos de vista.

Coelho Netto (2007) apresenta o triângulo semiótico com base na representação de Odgen & Richards (1972), as três entidades do signo podem ser assim apresentadas:

Figura 2 – esquema do signo tricotômico em Peirce



Fonte: COELHO NETTO, 2007. p. 56

Para Peirce (2010), o nível da primeiridade remete a uma qualidade. Na secundidade encontramos tudo que é real, que possui alguma relação existencial com o universo. O nível da terceiridade está composto é o que está posto, tido como lei. A partir da visão de signo linguístico em Semiótica, pode-se dizer que em Língua de Sinais ela pode acontecer da seguinte maneira:

Figura 3 – proposta de esquema do signo linguístico em Semiótica para a Língua de Sinais



Fonte: Elaborado pela autora.

O mesmo recorte da ideia acima é atribuído ao recorte desta pesquisa ao propor uma reflexão à luz da teoria semiótica de Peirce sobre os sinais em Libras para os nomes das disciplinas do Bacharelado em Letras Libras da UFSC, na modalidade presencial. Uma vez que o objeto é a disciplina, enquanto matéria curricular de um curso de formação em ensino

superior; o signo é o nome da disciplina curricular, sendo assim individualizada; o sinal produzido pelos informantes da pesquisa, de acordo com as suas experiências de alunos do contexto acadêmico do curso de Letras Libras UFSC, que tem relação direta com o interpretante, isto é, com o entendimento que cada indivíduo construiu sobre o signo. A realização desse sinal, depende ainda dos recursos linguísticos que o indivíduo conhece para expressar seu entendimento a respeito do signo. Neste ponto, percebe-se também que o aprender pode estar relacionado ao que se observa do mundo e a partir dessa apreensão nós somos o que vemos do mundo e o mundo é visto a partir do que somos. (MERLEAU-PONTY, 1994).






METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho é um estudo de caso, tendo por definição a unidade-caso o curso de Bacharelado em Letras Libras da UFSC, na modalidade presencial de oferta do curso. A abordagem é quali-quantitativa, de natureza aplicada.

O convite para participação na pesquisa foi estendido a todos os alunos que ingressaram no curso de 2016.1 e os prováveis formandos de 2016.1 – 10 alunos do grupo de ingressantes participaram e 6 alunos do grupo de prováveis formandos. Os alunos que aceitaram participar da pesquisa foram peças fundamentais para se obter o levantamento desejado motivado pela pergunta de pesquisa. Para que se possa entender o contexto de cada um desses informantes, foi elaborado um questionário com 5 perguntas.

A coleta dos dados foi realizada por meio de gravações com os informantes da pesquisa. Para apresentação dos resultados optou-se pela regravação dos dados coletados, sendo, portanto, exibida a imagem da pesquisadora reproduzindo os sinais levantados. Essas imagens estão organizadas em quadros que também apresentam o link para acesso ao vídeo e a transcrição em SignWriting.

Quadro 1 – *Layout* do quadro para a análise dos dados

NOME DA DISCIPLINA				
Informante X	Informante X	Informante X	Informante X	Informante X
				
<i>link</i>	<i>link</i>	<i>link</i>	<i>Link</i>	<i>link</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados linguísticos apresentados neste trabalho podem ser definidos na perspectiva dos estudos de Corpus. Os informantes por não serem os falantes nativos da Libras e por serem alunos do curso de formação, eles são aprendizes. Portanto, o quadro abaixo apresenta uma classificação sintetizada proposta por Sardinha (2004) para a tipologia do Corpus.

Quadro 2 – Tipologia do Corpus

Tipologia do Corpus	
Autoria	Corpus traduzido – tendo como texto fonte termos da área de Linguística de LSs
Modo de apresentação	Vídeo e transcrições
Recorte Temporal	Sincrônico
Finalidade para análise	Corpus –based
Conteúdo	Especializado
Número de línguas	Duas – bilíngue
Representatividade	Corpus de amostragem

Fonte: Elaborado pela autora

O referencial teórico utilizado ao longo da pesquisa possibilita a análise dos dados e fornece repertório conceitual para a discussão e interpretação dos dados sobre os sinais em Libras para os nomes das disciplinas do Bacharelado em Letras Libras da UFSC, modalidade presencial. Os procedimentos adotados para esse trabalho foram importantes para entender os dados levantados, possibilitando assim a análise propriamente dita e a discussão dos resultados encontrados.

ANÁLISE DOS DADOS: INFORMANTES DA PESQUISA, AS DISCIPLINAS E OS SINAIS

Nesta seção serão analisados os dados coletados durante a seção de levantamento. Para realizar uma análise mais detalhada, optou-se por dividir os dados com base no perfil dos informantes, ou seja, sinais produzidos pelos ingressos e pelos prováveis formandos. Ao todo foram filmados 16 alunos do bacharelado em Letras Libras da UFSC, sendo 10 ingressantes

em 2016.1 e 6 formandos em 2016.1. Nem todos os informantes souberam responder ao estímulo para todos os nomes das disciplinas em Língua Portuguesa escrita, tendo um total de 19 sinais não produzidos e todos pertencentes ao grupo dos informantes ingressos. O quadro abaixo representa um recorte dos dados produzidos na disciplina de Corporalidade e Escrita.

Quadro 3 – Disciplina de Corporalidade e Escrita

INGRESSOS					FORMANDOS				
Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 11	Inf. 12	Inf. 13	Inf. 14	Inf. 15
https://youtu.be/z6Pxx48IO9k	https://youtu.be/UorPKr0WwM	https://youtu.be/sCr5rRTe_g	https://youtu.be/UorPKr0WwM	https://youtu.be/g9e5aVUrk	https://youtu.be/kUorPKr0WwM	https://youtu.be/z6Pxx48IO9k	https://youtu.be/z6Pxx48IO9k	https://youtu.be/z6Pxx48IO9k	https://youtu.be/z6Pxx48IO9k

Fonte: Elaborado pela autora

Diante da nova proposta curricular, não se esperava que todos os informantes respondessem ao estímulo de produção do sinal para as disciplinas, principalmente para o grupo dos informantes ingressos, uma vez que se entende que a nova proposta curricular do curso recebe alunos que não tenham conhecimento algum de Libras, bem como pelo fato de não serem todas as disciplinas que possuem sinais específicos que refletem sua proposta curricular. Segundo Costa (2012), “[...] o significado textual de um sinal tem de cumprir a

função de comunicar o que o sinal representa, com base nos significantes visuais que se apresentam no espaço” (COSTA, 2012. p. 33).

A ideia de signo discutida neste trabalho com relação aos sinais utilizados para os nomes das disciplinas do bacharelado em Letras Libras da UFSC pode apresentar questões de valor subjetivo. A visão de que a língua é viva, por vezes, só é possível devido à participação de sujeitos nesses movimentos de transformação. Portanto, é neste ponto que a relação triádica do signo linguístico proposta pela semiótica de Peirce é relevante para esta pesquisa, pois faz contribuir para se entender as produções dos sinais levantados ao se dar destaque ao interpretante na relação do signo. A existência de um interpretante, que neste trabalho é representado pelos sinais produzidos, estabelece o fortalecimento do signo linguístico.

A falta de um registro no sentido institucional do currículo do curso em Libras pode favorecer as ocorrências das escolhas inadequadas nas sinalizações dos “nomes das disciplinas” do curso, diferentemente, do que acontece em Língua Portuguesa, pois há um documento institucional para consulta que “padroniza” os nomes em Língua Portuguesa das disciplinas curriculares do curso.

A partir das considerações feitas na análise e discussão apresentadas há pouco, foi possível observar dois grandes grupos de estratégias de produção dos sinais: os improvisados e os convencionados. O critério de “convenção” para esta pesquisa, tomou como base a produção dos alunos formandos por serem os informantes que estão a mais tempo inseridos no contexto acadêmico do Letras Libras.

Nota-se que os sinais improvisados agrupam a soletração (datilologia) e a invenção de um sinal. Conforme Quadros e Karnopp (2004), “observa-se que o léxico não nativo contém também palavras em português que são soletradas manualmente, e essas formas podem ser consideradas na periferia do léxico da língua de sinais brasileira.” (QUADROS; KARNOPP, 2004. p. 88). Os informantes que utilizam este recurso provavelmente utilizaram esse ao perceberem a falta de léxico no momento da produção do sinal, pois algumas palavras do Português são soletradas para introduzir algo que não tenha um sinal equivalente. (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Os sinais convencionados são vistos aqui como aqueles mais recorrentes no cotidiano lexical da comunidade acadêmica do Letras Libras da UFSC, eles são suficientes para suprir a necessidade da comunicação enquanto não surgem novas propostas de sinalização, são os

sinais que podem estar dicionarizados e que na maioria das vezes estão em processo de “construção” para se adequarem as propostas das disciplinas.

Essas duas estratégias principais tendem a categorizar os interpretantes a partir do que foi produzido pelos informantes da pesquisa em resposta ao estímulo os sinais produzidos em Libras para os nomes das disciplinas curriculares do bacharelado em Letras Libras da UFSC à luz teoria da semiótica de Peirce. Portanto, entende-se que o interpretante exerce função essencial na estruturação do signo linguístico semiótico.

As reflexões que este trabalho apresenta faz com que seja possível entender que os usuários de uma língua são os principais responsáveis pelos movimentos linguísticos, ou seja, é a diversidade de significações atribuídas ao signo no uso da língua que a torna viva. Mesmo com a diversidade presente nas produções dos sinais em Libras para os “nomes das disciplinas” é possível observar a particularidade de cada informante. Os quadros abaixo apresentam numericamente as ocorrências das estratégias de produção dos sinais com base na coleta dos dados da seção de levantamento de cada um dos perfis analisados.

Gráfico 1 – Gráfico dos sinais produzidos



Quadro 4 – Representação numérica dos dados levantados

<i>INGRESSOS</i>	
PRODUÇÃO TOTAL DE SINAIS: 240	
IMPROVISADOS	CONVENCIONADOS
126	95
<i>FORMANDOS</i>	
PRODUÇÃO TOTAL DE SINAIS: 144	

IMPROVISADOS	CONVENCIONADOS
27	117
<i>NÃO SOUBERAM RESPONDER</i>	
ALUNOS INGRESSOS	ALUNOS FORMANDOS
19	0

Fonte: Elaborado pela autora

Os números de ocorrências das estratégias de produção reforçam a ideia dos resultados obtidos pelas gravações das sessões de levantamento e pelas respostas do questionário desses informantes de que isso se deve por estarem em processo de aquisição de língua. A relação que é possível estabelecer entre as estratégias de produção dos sinais para os “nomes das disciplinas” e a tripartição do signo pode ser vista na individualidade das produções. Os alunos ingressos apresentam mais diversidade de sinais, possivelmente, por estarem iniciando a vida acadêmica, dando início também ao processo de construção coletiva, o que poderá levar ao final do curso uma produção mais homogênea. A proposta de classificação desses sinais de acordo com a tripartição semiótica do signo, exemplificados acima são possibilidades de diferentes olhares para os signos linguísticos em Libras partindo da observação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou obter um levantamento dos sinais em Libras para os “nomes das disciplinas” curriculares da habilitação em Bacharelado em Letras Libras da UFSC, modalidade presencial, a partir da reflexão sobre o signo presente na teoria semiótica de Peirce (2010). O levantamento dos sinais em Libras possibilitou que fossem observadas duas estratégias principais de produção dos sinais. Esses sinais produzidos foram coletados por meio de um estímulo aplicado em alunos ingressantes em 2016.1 e prováveis formandos de 2016.1, do bacharelado. Entende-se que a heterogeneidade de ambos os grupos pode apresentar marcas da Libras como L2 e, principalmente, que o convívio e a interação com os outros sujeitos do mesmo contexto acadêmico podem influenciar nas produções dos sinais.

A preocupação da nomeação intralingual (Libras/Português) das disciplinas do

bacharelado em Letras Libras, da UFSC, modalidade presencial, poderia estar presente também no momento de formulação ou reformulação de currículos de curso em Língua Portuguesa. Geralmente, os nomes das disciplinas curriculares em Português não mudam com frequência entre seus usuários e documentos, neste sentido os sinais em Libras ficam de certa forma em situação de instabilidade. Primeiramente, porque não há um registro institucional, ou seja, não há uma versão em Libras das disciplinas no CAGR. Além do fato que, semestralmente, dependendo do professor que assumir a disciplina, o seu sinal poderá estar sujeito ao seu entendimento, seja de mundo ou teórico.

Ao abordar assuntos que envolvem o processo de nomeação, a preocupação central neste trabalho não se tratou apenas de questões de cunho morfológico. O modo como os sujeitos nomeiam as coisas pode interferir na visão e no entendimento sobre o mundo, assim como a formação de curso superior não prepara os seus egressos somente para o mercado de trabalho e vida profissional. Existem responsabilidades sociais inerentes à formação que podem ir desde o acolhimento dos novos alunos no contexto acadêmico e a preocupação com a nomeação em sinais de Libras para se referir às disciplinas curriculares até o olhar que temos sobre o outro, pois na maioria das vezes aquilo que vemos é o reflexo de nós mesmo, por exemplo, em se tratando da linguagem, principalmente. Este segundo fato está mais presente em ambientes em que existem línguas em contato, como é o caso do curso de Letras Libras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lana Cristina Santana de. Contribuições da Semiótica aos estudos toponímicos: estudo de caso dos topônimos das comunidades rurais de Santo Antônio de Jesus. *Domínios de Linguagem*. v. 7, n. 1 (jan./jun. 2013). Ed. Edufu - ISSN 1980-5799. <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

COELHO NETTO, J. Teixeira. *Semiótica, informação e comunicação*. 7. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

COSTA, Messias Ramos. *Proposta de modelo de Enciclopédia Visual Bilíngue Juvenil: Enciclobras*. Universidade de Brasília, 2012.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010. 207p ISBN 9788531602276.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: (2. tiragem de 1996) Martins Fontes, 1994. 662p. (Tópicos).

NICOLOSO, Silvana. Traduzindo poesia em língua de sinais: uma experiência fascinante de verter gestos em palavras. *Cadernos de tradução*. v. 2, n. 26. 2010

OLIVEIRA, Janine Soares de. Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do Glossário Letras-Libras; orientador: Markus Johannes Weininger. Florianópolis, SC, 2015.

PEIRCE, Charles S. (Charles Sanders); MOTA, Octanny Silveira da; HEGENBERG, Leonidas. *Semiótica e filosofia*. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1984. 164p.

_____. *Semiótica*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. 337p.

QUADROS, Ronice Müller de. (Org.). *Letras LIBRAS: ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis:Ed. da UFSC, 2014.

_____. ; KARNOPP, Lodenir. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre:Artmed, 2004. 221 p. ISBN 8536303085.

_____. ; SOUSA, Aline Nunes de; VARGAS, Roberto Dutra. Tradução do Vestibular Ufsc/2012 para a Libras. *Anais do Congresso de Tradução e Interpretação*. Universidade Federal de Santa Catarina. 2012.

SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Cengage Learning, 2000. 153p.

_____. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Thomson/Cengage Learning, 2002. 186 p.

SAUSSURE, Ferdinand de; BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert; RIEDLINGER, Albert. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, [2007]. XXIII, 279p.

STUMPF, Marianne Rossi; OLIVEIRA, Janine Soares de; MIRANDA, Ramon Dutra. O Glossário Letras-Libras como instrumento para estudo de unidades terminológicas em Libras. In: STUMPF, Marianne; QUADROS, Ronice Müller de; LEITE, Tarcísio de Arantes (Orgs.). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais II. Série Estudos de Língua de Sinais. V. II*. Florianópolis: Insular, 2014, p.145-164.

VASCONCELLOS, Maria Lúcia. Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) na Pós-Graduação: a afiliação ao campo disciplinar “Estudos da Tradução”. UFSC. *Cadernos de tradução*. v. 2, n. 26. 2010

Universidade Federal de Santa Catarina. Projeto Político Pedagógico do curso de Letras Libras. Florianópolis, 2012.